

VERSÕES DO ÉDIPPO: O DESEJO INCESTUOSO EM UM MITO MAXACALI

Evelly Spica (PIBIC-AF-IS/CNPq-FA-Uem), Eliane Domingues (Orientadora). E-mail: edomingues@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento conforme tabela do [CNPq/CAPES](#). Ciências Humanas (70000000); subárea: Psicologia (70700001).

Palavras-chave: Psicanálise; Mitologia; Sexualidade.

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo analisar o mito indígena "As crianças cegas", do povo Maxacali, publicado na obra Crônicas Despidas e Vestidas de Betty Mindlin, essa análise foi feita a partir da psicanálise e da noção de Complexo de Édipo. O mito, aborda a história de um grupo de mulheres que, na ausência dos homens que partiram para a caça, trocam seus filhos entre si para manter relações sexuais. Apenas um garoto se recusa a participar, por desejar sua própria mãe. Ao retornarem, os homens decidem punir os meninos arrancando-lhes os olhos. Somente o menino que não participou do ato, aquele que expressava seu desejo pela mãe, tem apenas um olho arrancado. A metodologia adotada envolve uma leitura psicanalítica do mito, para isso foi considerado os aspectos culturais dos Maxacali, especialmente sobre a sexualidade e papéis de gênero, assim como foi estabelecido as relações entre o mito e a teoria freudiana, sobretudo com o Complexo de Édipo e por fim foi feita uma comparação com a tragédia "Édipo Rei", de Sófocles, identificando elementos edípicos na narrativa mítica. Concluiu-se que o mito estudado e a teoria do complexo de Édipo se relacionam ao evidenciar o desejo do menino e das mães.

INTRODUÇÃO

O mito é uma narrativa particular e dele cabem várias leituras. Ele constitui uma forma singular de discurso, uma linguagem por meio da qual as sociedades expressam suas contradições, paradoxos, dúvidas e inquietações. Embora seja um conceito envolvido por múltiplos sentidos e usos, sua presença no imaginário coletivo revela uma potência que ultrapassa a noção de verdade literal. Além disso, o mito guarda uma mensagem cifrada, indireta, que exige interpretação, trata-se de uma narrativa dotada de valor e eficácia social, capaz de refletir as concepções de mundo, de existência e de relação entre os indivíduos de uma determinada cultura (Rocha, 1995).

Na psicanálise, a mitologia desempenha um papel argumentativo aparentemente insubstituível. Freud, por exemplo, serve-se da mitologia para dar sustentação a demonstrações fundamentais. Em segundo momento, existe uma semelhança

estrutural entre os mitos e os sonhos, mas que não autoriza o analista a utilizar diretamente os mitos como base para suas interpretações clínicas. Por último, a mitologia é uma manifestação do imaginário coletivo, do qual a psicanálise finalmente permite compreender. Diante disso, os mitos ajudam a compreender o que há de mais específico e novo na psicanálise (Sissa, 1998).

Nessa pesquisa, foi analisado o mito indígena “As crianças cegas”, dos Maxacali, para ampliar as possibilidades interpretativas, optou-se pela leitura do mito em duas obras distintas: *Crônicas despidas e vestidas*, de Betty Mindlin, e *Penãhã: Pradinho e Água Boa*, de Rafael Maxacali. A partir disso, essa pesquisa se propôs a realizar uma leitura interpretativa do mito sob a ótica da psicanálise, especialmente a partir da formulação freudiana do Complexo de Édipo. Assim como, foi traçado paralelos com a tragédia grega Édipo Rei, de Sófocles, narrativa central na construção da teoria freudiana. Portanto, o mito “As crianças cegas” foi analisado considerando o contexto cultural dos Maxacali, com ênfase em como a sexualidade e os papéis de gênero são representados. A investigação inicia-se com uma abordagem dos elementos culturais desse povo e na sequência desenvolve-se a análise psicanalítica do mito.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa propõe uma leitura psicanalítica do mito indígena “As crianças cegas”, buscando compreendê-lo articulando elementos da psicanálise com a concepção do complexo de Édipo.

Inicialmente, foi realizada a leitura do mito “As crianças cegas” dos Maxacali, nas obras *Crônicas Despidas e Vestidas*, de Betty Mindlin, e *Penãhã: Pradinho e Água Boa*, de Rafael Maxacali. A escolha por essas duas versões teve como proposta ampliar as possibilidades interpretativas, levando em conta a forma como a narrativa é apresentada em cada obra, além de identificar possíveis variações entre as versões do mito. Em seguida, iniciou-se à investigação de aspectos da cultura do povo Maxacali, com o objetivo de esclarecer e aprofundar a compreensão da narrativa, considerando a dimensão cultural e social do mito, especialmente no que se refere à sexualidade e às relações de gênero. Na sequência, com base na leitura do mito sob a ótica da psicanálise, foi proposta uma analogia entre o conteúdo mítico e o Complexo de Édipo, a partir da identificação de como os desejos manifestados na narrativa se alinham ao conceito freudiano. Para isso, foram analisados trechos e elementos do mito que refletem a dinâmica edípica. Por fim, realizou-se uma análise do mito à luz de textos que discutem o Complexo de Édipo e a tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles. O objetivo foi identificar elementos edípicos presentes na narrativa mítica, articulando-os com essas referências teóricas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O povo Maxacali, autodenominado Tikmũ'ün, é falante de uma língua do tronco Macro-Jê e atualmente vivem em duas áreas indígenas, sendo elas Água Boa e Pradinho que foram unificadas na Terra Indígena Maxacali, localizada no município

de Bertópolis, nordeste de Minas Gerais. Sua organização social é fluida e seminômade, estruturada em unidades como a família extensa, os bandos e a comunidade identitária, marcada por forte centralidade nos rituais, na oralidade e na transmissão de mitos. As famílias são predominantemente matrilocais, e os casamentos são preferencialmente realizados entre aliados ou parentes distantes, como forma de evitar conflitos internos. Na divisão do trabalho, os homens se dedicam à confecção de instrumentos e objetos rituais, já as mulheres cuidam da pesca, coleta e produção de artefatos domésticos. Há distinções entre os papéis de gênero, especialmente nos rituais, tendo em vista que os meninos passam por iniciações secretas, enquanto as meninas não possuem rituais de passagem específicos (Paraíso, 2024).

De acordo com Wonsoski e Domingues (2021), Devereux compreende o complexo de Édipo como universal e unido à existência da cultura, ou seja, é encontrado em todo indivíduo e varia conforme a cultura que o sujeito está inserido. Diferente da concepção freudiana, que entende a origem do complexo de Édipo no desejo da criança, Devereux propõe que o complexo de Édipo começa pelo desejo dos pais. No mito, às mulheres propõem usar os filhos umas das outras como substitutos dos homens ausentes, tomando-os como objetos de desejo sexual. Assim, elas tratam os meninos como substitutos dos parceiros, invertendo para uma lógica em que os adultos desejam as crianças. Portanto, nesse ambiente em que as mulheres impõem seus desejos às crianças, o menino que deseja a própria mãe é uma reação a esse contexto.

Além disso, no mito, esse menino que recusa a troca simboliza o complexo de Édipo por desejar a própria mãe e ver o pai como um rival. Para Nasio (2007) o complexo de Édipo é uma história de sexualidade, onde a criança, na sua inocência, sexualiza os pais e vivencia um desejo intenso. Essa experiência é marcada por um conflito interno, enquanto a criança busca prazer e expressa desejo, também enfrenta o medo de perder o controle sobre seus impulsos e as consequências desse desejo. Nesse sentido, o menino vê o pai como uma ameaça ao seu desejo pela mãe, levando em consideração que ele conduziu os outros meninos até o Rei dos Peixes, com o objetivo de recuperar a visão deles e eles retornarem à aldeia para matar os pais uns dos outros, a fim de eliminar os rivais para poderem ficar com as mães. Bem como, a tensão edípica também é demonstrada quando os homens retornam e se sentem traídos pelas mulheres, reagem com indignação, convocando uma reunião na Kuxex (casa de religião) e decidem mutilar os olhos dos meninos envolvidos.

Ademais, na tragédia grega Édipo Rei, de Sófocles, Édipo fura os próprios olhos, para que eles não sejam testemunhas de seus infortúnios e pecados, após ele descobrir que se casou com a própria mãe e consumou um incesto. Já no mito Maxacali é exposto de maneira explícita o desejo incestuoso de um menino pela própria mãe. Portanto em ambos há o desejo incestuoso, mas de maneiras diferentes e em ambos demonstra as consequências trágicas de violar normas sociais ou divinas.

CONCLUSÕES

O mito dos Maxacali e a teoria freudiana do Édipo se relacionam por explorar o desejo das mães e do menino. A partir da análise do mito “As crianças cegas”, compreende-se que o desejo parte das mulheres, invertendo a lógica de que o complexo de Édipo teria início no desejo da criança, além disso o menino que rejeita a parceira designada e expressa abertamente o desejo pela mãe representa uma figura edípica, e sua trajetória revela os efeitos do interdito do incesto e da rivalidade paterna, como propõe Freud. Ao mesmo tempo, a comparação com a tragédia grega *Édipo Rei* reforça a universalidade da temática edípica.

AGRADECIMENTOS

À professora Eliane Domingues, pelas valiosas orientações e contribuições ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro por meio da bolsa concedida, que viabilizou a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

MINDLIN, Betty. **Crônicas despidas e vestidas**. São Paulo: Contexto, 2012.

NASIO, J.-D. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

PARAISO, Maria Hilda Baqueiro. **Tikmũ'ũn (Maxacali) – Povos Indígenas no Brasil**. Instituto Socioambiental, 2024. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Maxakali>. Acesso em: 19 nov. 2024.

ROCHA, Everardo. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SISSA, G. Mito e psicanálise. In: KAUFMANN, Pierre (org.). **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. p. 685-692.

WONSOSKI, Wanessa; DOMINGUES, Eliane. **Georges Devereux: um psicanalista freudiano?**. Revista Subjetividades, Fortaleza, v. 21, n. 2, 2021.